
Turismo de compras na linha de fronteira Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR): nova centralidade? ¹

Álvaro Banducci Júnior ²
Eliana Lambert ³
Patrícia Cristina Statella Martins ⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo

O presente trabalho pretende fazer algumas reflexões a respeito de uma nova centralidade decorrente do Turismo de Compras na fronteira Brasil-Paraguai. Mais especificamente nas cidades-gêmeas de Ponta Porã localizada no estado do Mato Grosso do Sul e Pedro Juan Caballero, localizada no departamento de Amambay . Por ser um tema relativamente novo a ser pesquisado na área de Turismo, o Turismo de Fronteiras ou Turismo Fronteiriço ou ainda Turismo Transfronteiriço traz mais questionamentos do que respostas. Fato aceitável já que este é o momento de se definir e de se conhecer a realidade das cidades fronteiriças no nosso país.

Palavras-chave: turismo, fronteira, espacialidades.

Considerações Iniciais

Pensar o Turismo de Fronteiras é ir além dos problemas relacionados as fronteiras. É falar de novas espacialidades, dos lugares, do cotidiano daqueles que vivem em cidades divididas por uma linha imaginária, que no caso da área em estudo, possui aproximadamente 13 quilômetros de extensão e é conhecida por fronteira seca. Cidades que têm o comércio como uma das atividades principais, que são altamente influenciadas pelas oscilações cambiais e que mais do que em outras cidades é possível

¹ Trabalho apresentado ao GT – “ Espaço urbano de turismo de fronteira” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Doutor em Antropologia Social, Professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Turismo da UFMS – GTTur-UFMS. banducci@uol.com.br

³ Economista, Mestranda em Geografia (UFMS), Professora Pesquisadora do Curso de Economia da UEMS. eliana@uems.br

⁴ Bacharel em Turismo , Especialista em Gestão Empreendedora de Negócios, Mestrando em Geografia (UFMS). Professora ,pesquisadora do Curso de Turismo com ênfase em ambientes naturais da UEMS – Campus Dourados. Membro do Conselho Municipal de Turismo e Diretora de Turismo da Associação Comercial e Empresarial de Dourados/MS e do GTTUR – Grupo de Pesquisa em Turismo da UFMS. martinspatricia@terra.com.br

sentir sua pulsação, suas relações, o intercâmbio intenso de capital, mão-de-obra, recursos materiais e imateriais. Ou seja, uma enormidade de fixos e fluxos que na prática estabelecem uma nova dimensão do espaço.

Ponta Porã, está a 328 km de Campo Grande e 120 km de Dourados, é o quinto maior do estado com latitude sul 23°, 32' e 30'' e longitude oeste 55°, 37' e 30''. Com uma área de 5.359,30 km² e população de 64.001 habitantes (Censo 2003). Limita-se ao norte com os municípios de Antônio João, Bela Vista, Jardim e Guia Lopes da Laguna; ao Sul com Aral Moreira e Laguna Caarapã; ao Leste com Dourados e Maracaju; e ao Oeste com a República do Paraguai. Ponta Porã, começou a ser habitada, por volta de 1892, com o transporte de erva-mate (fator de real importância para a colonização do Estado de Mato Grosso do Sul). Na época, a guarnição da Colônia Militar de Dourados foi levada para o local para garantir a segurança dos carreteiros. A cidade, é ponto estratégico como centro de distribuição para áreas de grandioso valor histórico. São locais onde ocorreram as importantes batalhas da Guerra da Tríplice Aliança, mais longo conflito ocorrido na América do Sul no século XIX (durou mais de cinco anos).

Pedro Juan Caballero, no Paraguai, foi fundada em 01 de Dezembro de 1899. Na época era conhecida como “ Paraje Punta Porã” e era utilizada ao final do século XIX como um lugar de descanso para as caravanas de carretas que transportavam a erva mate. Atualmente possui 90.117 habitantes. Limita-se ao norte como distrito de Bella Vista, ao Sul com Capitan Bado, a leste com Ponta Porã no Brasil e a Oeste com o Departamento de Concepción. Com latitude sul 22° 5' e Longitude Oeste 55° 28'. Pela condição de cidades gêmeas, mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais são sentidas pelos dois municípios. Não seria diferente com o Turismo. Constatou-se o interesse de ambos os países no turismo que vá além das compras. Seja por parte do poder público, da população local e de atores do trade turístico. Porém, a maioria das pessoas não sabe definir exatamente o que é o turismo. Não conseguem perceber as relações intrínsecas, as alterações de seus cotidianos enfim, da prática sócio espacial.

As cidades, a fronteira: uma visão além do limite físico

Discorrer sobre a fronteira em questão, é, primeiramente, mencionar a existência de dois territórios – brasileiro e paraguaio – marcados por diferentes “poderes”, leis, costumes, identidades. Pelo aspecto físico são considerados um só lugar mas pelo aspecto científico e prático configuram-se diferentes trocas materiais, espirituais. Sua análise não se resume ao espaço físico e geográfico.

Nas zonas de fronteiras, é que se encontra, muitas vezes a máxima pressão das forças econômicas, políticas, morais e militares dos povos limítrofes, porém não servem elas apenas de meio de separação, mais também de interpretação de culturas, interesses e objetivos diferentes. (MATTOS apud TORRECILHA, 2004, p. 22).

Na realidade, os estudos sobre fronteira exigem uma nova reflexão além de simples territórios demarcados. “São relações internacionais que são redefinidas; políticas urbanas que se tornam imperativas; segurança planetária que se faz necessária”. (TORRECILHA, 2004. p.9). Nova reflexão no sentido de ir além deste limite físico. Mas de pensar em uma cidade, ou melhor de duas cidades-gêmeas que apesar de possuírem diferentes administrações, estarem em diferentes países, obedecem a uma lógica na construção de seus espaços urbanos e possuem conteúdos próprios de suas práticas sócio-espaciais. Geralmente, este conteúdo sócio-espacial é ocultado (CARLOS, 2004) bem como as pessoas, as dinâmicas, as relações. Na realidade, muitas vezes, a cidade é pensada como um quadro físico e como meio ambiente urbano. Mas o que é exatamente a cidade? O que está além das formas? Do cotidiano, dos prédios, das ruas, dos lugares? Carlos, (1994, p. 25 e 26) diria que

Hoje a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. Mas ao analisá-la torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos; a reabilitação dos sentidos humanos que nos faz pensar a cidade para além das formas. Isso nos faz analisar a cidade para além do homem

premido por necessidades vitais (comer, beber, vestir, ter um teto para morar), esmagado por preocupações imediatas. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura.

Pensar a cidade, é associá-la ao um lugar de possibilidades, é compreendê-la em sua perspectiva espacial, ou melhor, enquanto construção humana e portanto produto histórico social. (CARLOS, 2004).

Expressão e significação da vida humana, a história da cidade revela-a como obra e produto, que se realiza como realidade espacial concreta cujo movimento é produto de um processo histórico cumulativo, revelando ações passadas ao mesmo tempo, que o futuro se tece no presente e, nesta condição revela nas possibilidades presentes na vida cotidiana. (CARLOS, 2004, p. 19).

É ver a cidade como um campo de relações humanas, de produção de mercadorias e também como um local de contradições. Sendo então um elemento importante no processo histórico de produção do espaço e de novas espacialidades. “...o espaço aparece enquanto condição meio e produto da reprodução social revelando uma prática sócio-espacial”. (CARLOS, 2004, p. 24).

Espacialidades estas que possuem contradições e que podem ser analisadas pela vida cotidiana daqueles que ali moram.

Toda fronteira é suscetível de um tratamento monográfico, porem a procura de agregados significativos torna-se um problema que envereda por um caminho mais abstrato, onde preferências de natureza ideológica e cultural se fazem sentir. Todavia, não se pode ignorar a influencia que as fronteiras exercem no cotidiano de todos e de cada um de nós. Por isso, mais cedo ou mais tarde, seremos chamados a nos posicionar contra ou favor de tal assunto de tal ou qual fronteira, o que torna nosso assunto uma questão de interesse público. (MARTIN, 1992, p.82).

Falar então desta linha de fronteira é considerar a dinâmica e o processo histórico de produção do espaço de duas cidades que apesar de possuírem aproximadamente 120 mil

habitantes, terem os primeiros sinais de povoamento no ano de 1892 e uma atividade econômica comum, são completamente diferentes. As disputas pela posse de terra e os diversos conflitos políticos, sociais e econômicos foram determinantes desde a época colonial marcando a condição de fronteira. O acontecimento mais grave e mais marcante foi a Guerra do Paraguai⁵.

As cidades, pelo que revela a história, já nascem com uma atividade econômica comum, onde o comércio teve um papel preponderante de ligação e, ao mesmo tempo, de dependência. A fronteira nessa época era apenas um marco físico bastante permeável e a integração se dava com o permanente contato, entre os dois povos, por meio das relações de comércio, trabalho, negócios e lazer. Os casamentos realizados entre famílias dos dois países também contribuíram para estreitar essas relações sociais. Nesse contexto, a linha de fronteira tornou-se um ponto por onde começa o crescimento de forma linear e contígua, tanto de Ponta Porã como de Pedro Juan Caballero. Sem obedecer rigidamente distâncias regulares dos limites demarcatórios, e sempre mantendo uma faixa central entre as duas cidades, iniciam-se as construções de residenciais e lojas comerciais, sem que essas atendessem o Divisor das Águas do Tratado de 1872. (TORRECILHA, 2004, p. 63).

Atividade turística e a linha de fronteira

Segundo a Organização Mundial de Turismo (2001), o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outros.

Recentemente, nota-se outras áreas estudando o fenômeno e analisando-o sob outras óticas que permitem questionamentos além dos possíveis benefícios. Como por exemplo, a maneira com que a atividade produz e consome espaço. Segundo Cruz, “o turismo, entendemos, é antes de mais nada, uma prática social, que envolve o

⁵ Este assunto será tratado na versão final do trabalho maior que é a Dissertação do Mestrado. Pretende-se realizar um resgate histórico das cidades, dos conflitos, da Guerra do Paraguai e outros aspectos determinantes e essenciais para se estudar o tema proposto.

deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo” (2001, p.5).

O espaço, objeto da geografia é influenciado pelo turismo. O fenômeno, ocorre em áreas emissoras, de deslocamento e receptora. Sendo esta última a forma mais acentuada do consumo do espaço.

O espaço turístico, como todo espaço geográfico, não pode ser definido por fronteiras euclidianas, mesmo Porque pelo menos um dos seus elementos básicos lhe é exterior – a demanda. Embora sem fronteiras definidas com base em alguns componentes dito abstratos porque são difíceis de ser avaliados, tais como a fluidez do capital financeiro ou a influência da mídia na sua composição imagética, não se pode negar a concretude do espaço turístico expressa pelo seu território, que, todavia, não representa a totalidade espacial. (RODRIGUES, 2001, p.45)

O turismo apropria-se de objetos e confere novos significados. O espaço é uma forma durável que não se desfaz paralelamente à mudança de processos, mas alguns processos adaptam-se às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. (SANTOS, 1980) . No caso do município de Ponta Porã/MS, que faz fronteira com Pedro Juan Caballero no Paraguai, temos um espaço com características diversas. Coexistem atividades como turismo de compras e de negócios⁶, agricultura, pecuária, violência e contrabando. O espaço então, passa a ter novas funções e a sofrer interferências com novas relações de produção como o turismo.

Nesse sentido, investigar as dinâmicas do turismo na fronteira Brasil/Paraguai com a sua particularidade, os hábitos, costumes e outras características das pessoas envolvidas, é extremamente rico para se discutir as transformações provocadas pela atividade naquele espaço. A princípio, sob a perspectiva do turismo de compras⁷ e considerando a mudança de endereço da maior loja de importados de Pedro Juan Caballero - Casa China – e objetivando analisar a partir de uma primeira inserção se houve ou não

⁶ Turismo de compras geralmente acontece em locais com bons preços e boas mercadorias cuja motivação principal são as compras. O turismo de negócios envolve profissionais que viajam a trabalho a fim de efetuarem transações comerciais industriais, mas que no seu tempo livre consomem e gastam como turistas.

⁷ Tem-se conhecimento das potencialidades para a atividade relacionadas a história e cultura local.

alteração no fluxo de pessoas que freqüentavam aquele que até a mudança citada sempre foi o “centro das compras” .⁸

Verificar a participação da atividade turística na produção de novas espacialidades, novas realidades e na alteração do cotidiano de sua gente de seus cotidianos torna-se ainda mais fascinante por estarmos falando de cidades próximas. “ A natureza interdisciplinar do estado “ gente-produto-lugar”, deveria ser motivo de incentivo para futuras pesquisas desse intrigante aspecto do turismo” (VERBEKE-JANSEN, 2002). E essa proximidade como define Santos (1999) não se limita a distâncias mas sim a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão vivendo com a intensidade de suas inter-relações que vai além das relações econômicas mas passa pela totalidade de todas as relações. Relações essas pouco conhecidas justamente pelo estigma que as fronteiras sempre tiveram enquanto lugares de tensão, problemas administrativos, políticos, jurídicos, de segurança entre outros.

Nova centralidade?! Primeiras observações

O centro de uma cidade, geralmente, é resultado de seu processo de crescimento. (SPOSITO, 1991). Ainda para Sposito (1998, p. 27):

A centralidade urbana pode ser abordada em duas escalas territoriais: a intra-urbana e a da rede urbana. No primeiro nível é possível enfocar as diferentes formas de expressão dessa centralidade tomando como referência o território da cidade ou da aglomeração urbana, a partir de seu centro ou centros.

Nada mais natural então que, para compreender o espaço urbano, o entendimento do centro seja algo fundamental – já que é um local marcado pela concentração de múltiplos papéis. (CALIXTO, 2004). “Considerando que os processo se realizam **na** e através **da** cidade , a análise do processo de produção, apropriação e consumo do espaço

⁸ Pode ser que para os moradores de Pedro Juan Caballero, o limite estabelecido para estudo e que corresponde as ruas de maior fluxo de turistas não seja o que considerem como sendo o centro da cidade.

urbano deve passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro” .
(CALIXTO, 2004, p. 177).

Analisar então a redefinição (ou não) da centralidade urbana é relevante pela rapidez das transformações que poderão ocorrer no estudo em questão. Este primeiro estudo, foi realizado na segunda quinzena de Julho de 2005 - após as primeiras semanas que as novas instalações da Casa China foram inauguradas.

Os lugares visitados e onde aplicou-se um questionário, foram escolhidos por amostragem. Fazem parte do “centro” das compras e é o local em que as pessoas fazem suas compras. Compreendem a Avenida G. Rodrigues de Francia (situada na linha de fronteira) e sua paralela Marechal Francisco Solano Lopez (segunda rua de Pedro Juan Caballero) bem como as transversais Ruas Yegros, Iturbe, Pepetuo Socorro, 14 de Mayo, Curupayty, Mcal. Estigarribia e Julia C. Estigarribia. Alguns dias antes da pesquisa, percorreu-se todas essas quadras numerando e então marcando as lojas e camelôs a serem entrevistados. Escolheu-se sempre como a primeira loja, a de cada esquina. A intenção era visitar uma loja sim e a outra não. Exemplo: a primeira, a terceira e a quinta e assim sucessivamente. No caso de lojas fechadas, entrevistava-se a próxima.

Antes de discorrer sobre os primeiros resultados, ressalta-se que dos 67 questionários⁹ aplicados, 35 foram em estabelecimentos comerciais, 22 em camelôs e 10 não foram respondidos. Percebeu-se um receio muito grande por parte dos comerciantes em se participar de uma pesquisa – acredita-se que pela própria condição de fronteira. Alguns estabelecimentos do lado brasileiro também foram visitados. Porém não foi possível obter resultados satisfatórios. O número de pessoas que se negaram a colaborar foi alto inviabilizando conclusões. Para as próximas visitas, será preciso estabelecer novas metodologias e estratégias para a pesquisa.

Surpreendentemente, e contrariando expectativas, para a maioria dos entrevistados a Nova Casa China não interferiu no fluxo de turistas que recebem. Considerando os estabelecimentos comerciais, essa foi a resposta dada por 75% dos entrevistados. Para 14% o movimento aumentou e para 11% diminuiu.

Com relação aos camelôs, para 59% não houve interferência, 23% afirmaram ter aumentado, 9% ter diminuído e 9% não souberam responder.

⁹ Este questionário contém questões abertas e fechadas que permitem outras análises a respeito do turismo de compras que serão analisadas posteriormente.

Para os entrevistados, a mudança é positiva pois aumentou o movimento e o tempo de permanência dos turistas. Além de confirmar que há público para os dois lugares – e com perfis diferentes. Até o presente momento, o local pesquisado ainda é o “centro” das compras, mas a nova Loja China criou sim uma nova centralidade.¹⁰

Considerações Finais

A referida mudança, a princípio, não provocou como se esperava, o “vazio” da centralidade turística nas ruas estudadas. Fatores como período de férias e aumento da cota podem ter influenciado neste resultado. Outro dado a se considerar, é o período a que esta primeira análise se refere – primeiras semanas após a inauguração da Nova Casa China.

Será que posteriormente esta mudança será capaz de redefinir drasticamente o centro? Vale ressaltar que, alguns estudos demonstram que os shoppings, geralmente, criam novas centralidades.

Para o trabalho final, pretende-se ainda considerar outros aspectos para se verificar qual o impacto do turismo na redefinição deste espaço urbano. Aspectos como: o cotidiano dos moradores locais; o poder público local, estadual e federal e suas políticas para o turismo; relações entre brasileiros e paraguaios e o que pensam do turismo.

Até o presente momento, o “centro” ainda é para o turista e para o comerciante (que conseqüentemente mora na cidade), o lugar do encontro e das possibilidades.

Referências Bibliográficas

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. O centro urbano enquanto forma de representação. In: _____ **Produção, apropriação e consumo do espaço urbano**. Uma leitura geográfica da cidade de Dourados. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. P. 177-188.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 2 ed. 1São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

¹⁰ Fato já confirmado após nova pesquisa de campo com os freqüentadores da loja mas que não será detalhado neste trabalho.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia**. São Paulo: Roca, 2001.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOLETTA, Vânia Beatriz Florentino & GOIDANICH, Karin Leyser. **Turismo de compras**: 4. Ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Adyr. Balastrieri. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. In: **Território**, Rio de Janeiro, LAGET/UFRJ, n. 4, jan/jun., 1998. p. 27-37

_____. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. In: **Revista Geografia**, São Paulo, n. 10., 1991. p. 1-18.

TORRECILHA, M. L. **A fronteira, as cidades e a linha**. Campo Grande: Ed. Uniderp, 2004.

VERBEKE-JANSE, Myriam. A sinergia entre compras e turismo. In: THEBALD, William (org). **Turismo Global**. Trad. Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. 3 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.